

V Jornadas de Jóvenes Investigadores. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2009.

Aroldo de Azevedo e Os Povos da África 1.

Rosemberg, Ferracini.

Cita:

Rosemberg, Ferracini (2009). *Aroldo de Azevedo e Os Povos da África 1. V Jornadas de Jóvenes Investigadores. Instituto de Investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-089/48>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ezpV/xCP>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Aroldo de Azevedo e Os Povos da África¹

Rosemberg Ferracini²

Palavras Chaves: Aroldo de Azevedo, Livro Didático, Ensino e Continente Africano.

Resumen:

La ponencia es una discusión al respecto que analiza los contenidos de la enseñanza a se imparten sobre el Continente Africano en la escuela secundaria brasileña. Nuestro recorte de trabajo se inicia en el año de 1890 cuando aparece por primera vez en la curricula de la Geografía Escolar y finaliza el año de 2004. Pero es hasta el año de 2004 que es obligatoria su presencia en los libros. Los objetivos planteados son los de encontrar las características del Colonialismo y Imperialismo sobre los modelos de enseñanza del África. Dentro de este marco, el objetivo de nuestra presentación es demostrar cómo los libros transmiten una visión colonial de África que reproduce la visión vigente en Europa durante su expansión imperial. Para este análisis vale la pena recurrir a los autores poscoloniales. Nuestra hipótesis en el trabajo de Brasil utiliza una línea europea. Hasta el momento una de los temas identificados fueron algunas ideas referentes el determinismo geográfico; clima, raza, etnia, lenguas, sistemas políticos, económico y la organización cultural de sus poblaciones, estableciendo una diferencia y jerarquía. El trabajo se enmarca en la línea de trabajos que se vienen desarrollando en Brasil en torno a la Historia del Pensamiento.

I – Introdução

A estrutura do presente texto é uma releitura da comunicação apresentada no Primeiro Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo e no Oitavo Seminário de Pós-Graduação em Geografia da Unesp de Rio Claro no segundo semestre de 2008. Apresentaremos novas indagações sobre o tema do continente africano na obra do autor Aroldo de Azevedo, em particular dois de seus livros didático. Ao revisar dois de seus livros *Geografia Geral* de 1934 e *Geografia Geral* de 1952, reelaboramos algumas perguntas passadas e buscamos novas problematizações as indagações presentes. Entre essas, o que se ensinava a respeito do continente africano em seus livros didáticos? Na busca de resposta, ou o seu conjunto de formulações, levamos em consideração o respeito ao tempo e espaço do autor. Seu contexto histórico, formação, referências, bases teóricas e epistemológicas. Como também, sua presença na

¹ Agradeço as ricas críticas e sugestões feitas pela querida e gentil Professora Dra. Perla Zusman. Os possíveis erros e contradições são de minha total responsabilidade.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana FFLCH-USP, São Paulo, rosemberggeo@yahoo.com.br

Universidade de São Paulo, berço de divulgação das ideologias francesas, no que cerne as ciências humanas no Brasil.

É no debate das ideologias geográficas³ que buscaremos apontar ousadamente como o continente foi publicado em suas obras. Para compreender os dois livros analisados aqui buscamos aportes nas discussões a respeito das reformas educacionais e nos debates teórico-metodológicas desenvolvidos no interior da Geografia. Acreditamos que os mesmos contribuíram no andamento do conteúdo publicado em seus livros.

Dessa forma, é preciso ter a capacidade de pensar a investigação - das ideologias – geográfica(s) como uma política no campo da educação implementada pelo Estado. Para apresentar sua presença nas obras, é de fundamental importância demonstrar os limites, erros, posições inadequadas, gerar um conhecimento mais sólido que supere o contexto social de ensino que está inserido.

II – Interloquções Geografia e Educação

No início da República, na década de 20 a Geografia brasileira é foi denominada de geografia moderna⁴. Para essa conceituação existem duas linhas uma que diz a Geografia moderna ocorreu devido ao grande número de especialistas estrangeiros, na sua maioria de países europeus, e outra que os intelectuais nacionais também buscavam novas formas de modernizar o conhecimento geográfico. Discorreremos da primeira, essa diz que esses davam continuidade a perspectiva teórica metodológica epistemológica aos pensamentos de seus países de origem, na sua maioria franceses As propostas alemãs também eram consideradas modernas, antes da chegada da missão francesa. De acordo com algumas leituras observa-se que a nova Geografia foi sistematizada, por pessoas de diferentes “filiações intelectuais

³ Trataremos como Ideologias Geográficas, o conceito fundamentado na Geografia por Antonio Carlos Robert Moraes, *Ideologias Geográficas*, Annablume, 1988. O geógrafo, busca a compreensão do universo nas variadas perspectivas e o entendimento epistemológico do conceito ideologia e suas representações e discursos referentes ao território. No decorrer do texto buscaremos aprofundar a compreensão sobre o uso dessa matriz teórica no entendimento da Geografia nos dois livros analisados que trataram a temática do continente africano. Ao dizer ideologias geográficas, estaremos nos referindo às diferentes formas e discursos de se pensar as complexas relações entre as reformas educacionais como política de ensino e o debate teórico metodológico da geografia.

⁴ Segundo Ferraz (1994, p.01-06) tais discussões foram influenciadas por Delgado de Carvalho, que regressa para ao Brasil em 1920, trazendo na bagagem a influência de geógrafos ingleses e norte-americanos, fato que o diferenciava dos geógrafos brasileiros que eram restritos aos franceses e alemães. Em 1925, publica o seu mais importante livro, didático *Methodologia do Ensino Geographico*, criticando o fato da geografia ensinada no Brasil possuir o caráter meramente decorativo. Delgado torna-se defensor de uma Geografia Moderna de caráter científico. Posteriormente faz parte do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, documento que formalizava o pensamento mais avançado da intelectualidade brasileira relacionado à educação.

distintas...eugenistas...simpatizantes dos estudos etnográficos...e adeptos do darwinismo social”, Machado (1995, p. 325-326), seus méritos são indiscutíveis advogados, médicos, engenheiros e pesquisadores. O que pouco se fala é a respeito da repercussão dos modelos propostos e desenvolvidos no ensino de geografia. Quais eram suas bases teóricas, conceituais e metodológicas? Ou mesmo como foi a influência das propostas teóricas, conceituais e metodológicas? No momento não temos a pretensão de responder tais indagações, como seria muita ousadia, mas sim levantar debates.

Foi nesse período que os denominados profissionais de geografia desenvolviam temas relativos aos conceitos e categorias a respeito da natureza físico-climático. A relação entre a cidade versus campo, os meios de vida da população suas características, denominadas por alguns de raciais e suas relações com o ambiente. Era tema dos debates a imigração e o conjunto de população instalada no Brasil, o que de certa forma contribuiu na discussão do que viria a ser as bases da formação do território brasileiro.

No campo da educação temos que no final da primeira República já na década de 1930⁵, escreve a reforma Francisco Campos com uma grande mudança Romanelli “centralizada, determinava: a frequência obrigatória, a implantação de um currículo enciclopédico de um sistema de avaliação rígido”, (1980, p. 135). É iniciada a construção da ideologia do nacionalismo patriótico, momento que o Estado Novo passa a opinar com mais força a respeito da ciência geográfica no Brasil, era o Estado forte e interventor que defendia um governo autoritário, necessário para se construir a nação moderna, Ferraz (1994, p. 103).

Na mesma década ocorre o surgimento dos primeiros cursos de formação de professores de Geografia. Em São Paulo 1934, os cursos de Geografia e História apareceram pela primeira vez juntos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sob tutela francesa⁶, contudo, a influência de Delgado de Carvalho no modelo de Geografia a ser ensinada estava cristalizada próxima aos europeus, como a proposta a ser seguida, fugir dela era renunciar ao papel de formador consciências modernas e científicas, anunciada pelo positivismo, Pereira (1955, p. 439 -

⁵ De acordo com o MEC, em 1929, o Estado cria um órgão específico para legislar sobre políticas do livro didático, o Instituto Nacional do Livro (INL), contribuindo para dar maior legitimação ao livro didático nacional e, conseqüentemente, promovendo uma maior atividade dos livros.

⁶ Para Petrone (1979, p. 318) Nas primeiras décadas de formação do curso de Geografia “as principais obras utilizadas pelos universitários eram francesas, inclusive porque essa língua estava ao alcance de quase todos...a influência da denominada escola francesa na orientação metodológica” Entre os mais lidos podemos lembrar o nome dos professores Pierre Monbeig e Pierre Deffonaines.

440). Contudo, existe um debate a respeito dos estudos de caráter geográfico no Brasil anterior a criação da FFLCH-USP, sendo denominados puramente descritivos empíricos⁷. Já no ano de 1934 ocorreu a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros por Pierre Deffontaines, primeiro professor de Geografia da Universidade de São Paulo⁸.

Em outra análise do mesmo período, a respeito do continente africano, Hobsbawm escreve que “A divisão entre Estados africanos “francófonos” e “anglófonos” que hoje espelha a distribuição dos impérios coloniais franceses e britânicos” (1988, p. 114-115). A política expansionista territorial do imperialismo francês tomava forma e conteúdo, na exploração do solo, fauna, flora e na divulgação de teorias colonialistas, que refletiram para além colônias, que chegaria aos livros didáticos nos períodos posteriores. Tal fato excita a curiosidade de aprofundamento a respeito das matrizes teóricas desenvolvidas pelos professores e posteriormente por seus alunos na forma de ensinar a pensar a geografia do continente africano. Uma pergunta que merece ser investigada, é quem estava produzindo uma Geografia do continente africano na França? Eram estas Geografias que alimentavam os livros didáticos brasileiros?

II.1 - Interlocuções Perspectiva Teórica

Como já foi citado anteriormente, na geografia brasileira sobre – continente africano – e mesmo sobre África, é que poucos questionamentos foram feitos ou mesmo abordagens próximas tem sido incorporadas ao debate nacional. Nossa proposta de reflexão se insere no segmento da geografia que estuda a história do pensamento Geográfico brasileiro⁹. Acreditamos que essa nos ajude a entender a relação entre texto e contexto do nosso recorte, e a Geografia Histórica a compreender a relação entre os processos de discussão sobre o continente africano, as formas em que eles foram tratados nos livros didáticos. A opção pela geografia histórica¹⁰ leva-nos a privilegiar o continente africano e, em alguns poucos casos, outros debates que dialogaram de forma

⁷ De acordo com Azevedo (1954, p. 45), a geografia - corografia - entendia-se por “enumeração dos fenômenos naturais, humanos, econômicos e políticos com uma riqueza de detalhes impressionante que obrigava os alunos decorar listas imensas de nomes e número”.

⁸ Para Andrade (1987, p. 92) os geógrafos paulistas juntamente com os do Rio de Janeiro deram à associação um caráter nacional, “a grade contribuição da AGB ao desenvolvimento da Geografia brasileira....decorre de fato de que ela reunia geógrafos de pontos diversos do País para debaterem temas e questões realizar, em conjunto, trabalhos de pesquisa de campo; divulgava os métodos e técnica.

⁹ A linhagem histórico-geográfica apresenta-se como possibilidade explicativa e necessária que possui entre suas metas formais analisar os temas geográficos presentes em outros tipos de representações discursivas, nessa perspectiva encontra-se como interlocutores Capel (1981 e 1987) e Escolar (1996), entre outros.

direta com as políticas educacionais que trataram a respeito das concepções sobre esse continente.

III. O Estado Novo e a Geografia.

É no período varguista (1930-1954) que Aroldo de Azevedo¹¹ inicia sua carreira como autor de livros didáticos. Posteriormente até 1974 mais de 29 títulos de livros didáticos foram publicados. Nesse contexto, o autor admite a grande influência da geografia francesa (vidaliana), (particular dos anos (70) do século passado), porém ele incorporou contribuições procedentes dos EUA, Alemanha e Inglaterra. Na era Vargas ocorreram duas reformas educacionais, a de Francisco Campos em (1931-1942) e a de Gustavo Capanema (1942-1945). A Reforma de Francisco Campos que reestruturou o ensino superior, preocupando com a formação de professores para o ensino secundário, dividindo-o em dois ciclos: ginásial e clássico ou científico. É importante lembrar que de acordo com o MEC em 1938, por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38, “o Estado institui a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), estabelecendo sua primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático do país”, o que viria a ser uma das primeiras políticas do controle de produção como também acerca dos conteúdos presentes no livro didático.

Entre os intelectuais presentes desse período temos Oliveira Viana, considerado como o homem do saber, articulado e presente no governo de Getúlio Vargas. Coincidentemente ou não, nesse período é iniciada a construção da ideologia do nacionalismo patriótico, quando o Estado Novo passa a opinar com mais força a respeito da ciência geográfica no Brasil. Machado (1996, p. 335) escreve que nesse período existia a necessidade de centralização das instituições políticas do governo autoritário, para ela “o pensamento de Viana estava ligado a uma argumentação sobre a...ideologia de nacionalismo...os geógrafos pouco participaram...projeto de institucionalização da disciplina geografia”, o que dependia em grande parte da “neutralidade” política.

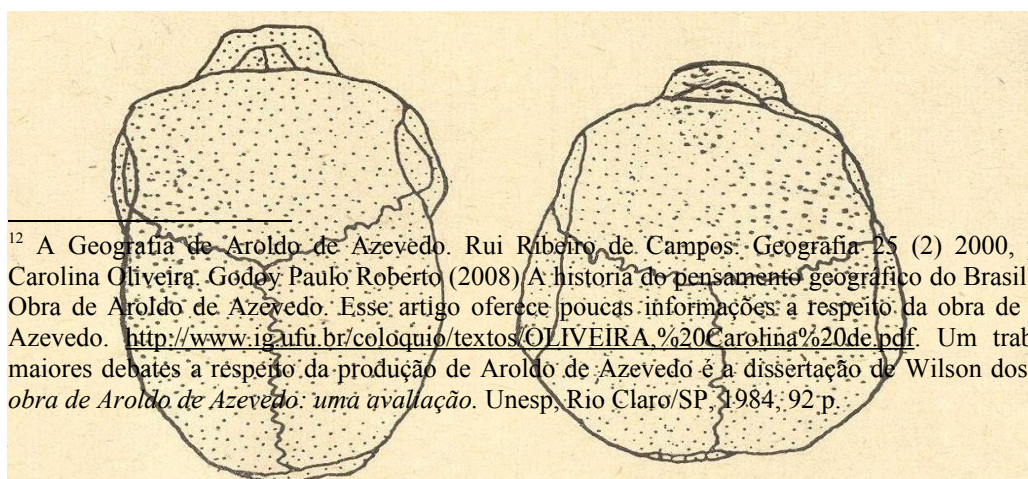
¹⁰ Ver Moraes (2006, p.11) “nossa perspectiva histórica não se confunde com a do historiador, tolhido nesse posicionamento analítico pelo temor em incorrer no grave erro do anacronismo. Em suma, entendemos a Geografia Histórica como caminho de reconstituição (em várias escalas) do processo de formação dos atuais territórios, postura que – inapelavelmente – repõe uma ótica de história nacional. Uma desejável análise comparativa nesse campo aí, em geral, cotejar unidades espaciais individualizadas pela dominação político-institucional.”.

¹¹ O primeiro livro didático do autor foi *Geografia Geral para a Primeira série Ginásial*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934.

III.I. A Geografia e Aroldo de Azevedo¹².

A influência da escola francesa sobre suas obras foram fortíssimas como no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. De acordo com Conti, (1976, p. 31) Aroldo de Azevedo em 1936 “ingressou, como aluno, no Departamento de Geografia e História...licenciando-se em 1939. Foi convidado a lecionar na mesma Faculdade, logo após sua formatura”. Trabalha com as atividades do magistério na formação de diversos alunos para a disciplina de Geografia, até sua aposentadoria em 1967. Contudo, foi no campo do livro didático que o professor Aroldo atuou fortemente. Segundo seu ex-aluno, o também professor da Universidade de São Paulo, professor Dr. José Bueno Conti. Conti (1976, p. 32) escreve que “Em 1936 antes mesmo de licenciarse elaborou sua primeira obra intitulada “Geographia” para primeira série ginásial, editada pela Companhia Nacional, com uma tiragem de 10.000 exemplares”. Por mais de trinta anos o professor Aroldo se dedica a escrever livros para todas as séries dos antigos cursos de ginásio e colégio, livros que foram adotados em todo território brasileiro.

O primeiro recorte apresentado por nós é a respeito de uma das suas primeiras publicações, o livro didático de título *Geografia Geral, Geografia Astronômica, Geografia Física e Geografia Humana*. Companhia Nacional São Paulo, 1936. No capítulo XII, é intitulado *Raças e Povos da Terra*, que insere o sub-título *Geografia Humana* denominada *Os grupos Humanos* até chegar na população do continente africano. Aroldo inicia o capítulo propondo a divisão em “cor da pele, forma do crânio, qualidade do cabelo, forma do nariz, do queixo e classificações de raças” (p. 187). Não existe no livro uma apresentação do continente africano e sim diretamente a descrição da população. Vejamos a figura 1, extraída do livro de Aroldo de Azevedo.



¹² A Geografia de Aroldo de Azevedo. Rui Ribeiro de Campos. *Geografia*, 25 (2) 2000, pp. 53-97. Carolina Oliveira. Godoy Paulo Roberto (2008) A história do pensamento geográfico do Brasil através da obra de Aroldo de Azevedo. Esse artigo oferece poucas informações a respeito da obra de Aroldo de Azevedo. <http://www.ig.ufu.br/coloquio/textos/OLIVEIRA.%20Carolina%20de.pdf>. Um trabalho com maiores debates a respeito da produção de Aroldo de Azevedo é a dissertação de Wilson dos Santos. *A obra de Aroldo de Azevedo: uma avaliação*. Unesp, Rio Claro/SP, 1984, 92 p.

Tipos de crânios

À esquerda, um crânio de indivíduo *dolicocefalo*; à direita, um pertencente a indivíduo *braquicefalo*.

A respeito do debate de raça buscamos amparo nas discussões propostas elaboradas pelo professor Kabengele Munanga¹³. Seu texto busca historicizar como o conceito de raça foi empregado nas ciências humanas, dialogando com os escritos desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, Tempos Modernos e Época Contemporânea. Posteriormente discute o conceito de racismo e seus diversos usos e sentidos, passando pelas diversas interpretações do conceito do racismo nos campos da Biologia, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia, e da Psicanálise como aborda as grandes doutrinas racistas, tais como o gobinismo, o nazismo, o darwinismo social, o que reflete, por exemplo, a Europa Atual, as Américas e o Brasil. A respeito do tema Munanga escreve que o conceito de raça, “tal como o empregamos “hoje”, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois, assim, como todas as ideologias, esconde uma coisa não-proclamada: a relação de poder e de dominação”. Tal afirmação vale para o período de Aroldo já que a proposição de Munanga (2004, p. 22) é uma releitura das teorias do século XIX. Uma definição que saiu dos círculos intelectuais e acadêmicos para se difundir no tecido social das populações ocidentais. Um conjunto de características que para alguns era necessário classificá-los e agrupar colocando os que se parecem serem mais semelhantes ou distantes de um grupo social.

No livro de Aroldo de Azevedo via a figura apresentada acima, vemos que ele seguiu as divisões em ordem taxonômica num “universo dos fenótipos” definindo as raças em função da cor da pele (negros, brancos, e amarelos), como a textura do cabelo

¹³ Ver o Plano de curso *Teorias sobre o racismo e discursos anti-racistas* ministrado pelo professor Dr. Kabengele Munanga, do Programa de Antropologia Social, Universidade de São Paulo de 2006.

(lisos, anelados e crespos) ou mesmo tamanhos da caixa do crânio entre doliocéfalos ou braquicéfalos, (re)criando variáveis e idéias questionáveis. “O crânio alongado, dito doliocéfalo, por exemplo, era tido como característica dos brancos “nórdicos”, enquanto o crânio arredondado, o branquicéfalo, era considerado como característica física dos negros e amarelos”. (Munanga, 2004, p. 20). Em outra pesquisa a respeito das doutrinas raciais encontramos teorias que passaram a interpretar a capacidade humana tomando em conta o tamanho e proporção do cérebro dos diferentes povos. Uma nova craniologia técnica, que introduzia a medição do índice cefálico (desenvolvida pelo antropólogo suíço Andrés Retzius em meados do século XIX)” Segundo a autora a teoria desenvolvida pelo antropólogo André Retzius em meados do século XIX, (Schwarcz, 1993, p. 48-49). O critério da morfologia, o tamanho do crânio e seus ângulos, como das demais partes da cabeça, nariz, queixo e lábios entraram na avaliação de uma hierarquização entre superioridade e inferioridade.

Quais seriam estas ideologias geográficas propostas, desenvolvidas por Aroldo de Azevedo? É sabido que Aroldo era herdeiro das teorias eurocêntricas/postumas, que se acentuou com a expansão das idéias européias sobre demais parte do Mundo¹⁴.

Na segunda obra analisada é *Geografia Geral* de 1952. Companhia Editora Nacional, 48ª edição, São Paulo. Notamos uma pequena mudança acerca dos conteúdos tratados por Aroldo de Azevedo, por exemplo, a (re)construção do seu discurso a respeito dos grupos humanos passa novamente pelo debate de raça. A presença do conceito de raça na figura (1) é discorrido (1952, p. 187), o autor escreve que,

A cor da pele, constitue o traço mais sensível. Por isso mesmo de longa data distinguiram-se três raças: a branca, a amarela, e a negra. Mas hoje todos estão de acordo em que esta distinção é insuficiente, porque a pele humana apresenta elevado número de matizes, (1952, p.187).

Aroldo de Azevedo estava sendo influenciado pelas teorias raciais e considerava que as mesmas poderiam ser contextualizadas para o continente africano. Para ele a cor da pele foi também um elemento de diferenciação entre os grupos humanos. Exemplo é quando aponta novos conteúdos no livro *Geografia Geral*. Aroldo introduz no *capítulo XIII, Línguas e religiões. Nações e Estados* o tópico *As atividades culturais dependem*

¹⁴ Um dos melhores exemplos a respeito desses modelos de ensino ver, Schwartz, Lilia Moritz *O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. A autora salienta, especificando conceitos de influência alemã, francesa e inglesa que recaiu sobre o pensamento de intelectuais do século XIX, deixando alguns traços no século XX, (1993, p. 43)

do grau de civilização. Inicia com a pergunta *Que devemos entender pela expressão atividades culturais?*, no desenvolvimento do conteúdo Aroldo (1952, p. 184-185) escreve que *a organização da família, a religião, a língua, os costumes, as leis a forma de governo, a instrução e a educação, as pesquisas científicas e outras manifestações do espírito humano..existem diferenças muito grandes entre uns e outros.* Aroldo esta propondo uma classificação seguindo um modelo já citado anteriormente. O mesmo continua (p. 185),

Entre os povos selvagens, as atividades culturais apresentam suas formas mais simples e rudimentares; muitas delas chegam mesmo a não existir. Daí o nenhum papel que representam no progresso humano. Neste caso estão todas as populações indígenas da América, os negros da África, alguns povos da Ásia (vedas, semang, negritos etc.) e os indígenas da Austrália e certas ilhas da Oceânia (papauas melanésios).

Podemos dizer que por trás de todo conhecimento transmitido pelos livros didáticos existia uma intenção com relação a classificação proposta por Aroldo de Azevedo em suas obras. Notamos a divisão entre grupos humanos e suas características físicas e comuns, estéticas e morais chegou a posição numa escala de valores. Da mesma forma sabemos que o livro de Aroldo de Azevedo legitimou um modelo didático e um discurso direcionando para pratica de ensino. Suas concepções sobre *Os Grupos Humanos* atuavam na construção de outros discursos de ensino no país. O corte sobre a população do *Os povos da África* implicou alguns desvios, impôs uma mediação (seja por parâmetros de políticos, econômicos e culturais). O que Aroldo denominava de selvagem?

Elencamos outro exemplo de difusão de outra praticas de ensino a esse respeito quando Aroldo aponta que (p.185) “Entretanto, desconhecem o que sejam a educação, as pesquisas científicas e os centros de cultura. É o caso das populações mongólicas que vivem na Ásia Central, de muitos afgãs e árabes, dos berberes do Norte da África.” Presenciamos na escrita de Aroldo o olhar colonizador, distinguindo as populações das áreas dominadas e conquistadas.

Do mesmo modo, sabe-se que o imperialismo foi a base de legitimidade de dominação e exploração de alguns grupos humanos sob outros, exemplo a partilha da África¹⁵, reflexo da política européia colonialista. A proposta de divisão entre povos superiores e inferiores legitimou a dominação e, portanto uma necessidade de expansão

¹⁵ Para reforçar, ver Wesseling, H. L. *Dividir para dominar: a partilha da África: 1880-1990.* Rio de Janeiro: Revan/Ed.da UFRJ, 1998.

territorial, conseqüentemente imperial pelos europeus. Segundo Capel (1988, p. 80), não esqueçamos, desde logo, que no século XIX foi expansão e consolidação do imperialismo europeu e que o domínio colonial de países extra-europeus. Os mesmos europeus supunham ainda que naqueles tempos que seus trabalhos previam a exploração associada a atividade geográfica.

Voltando nos escritos de Aroldo a respeito do conhecimento e difusão das práticas políticas e culturais, escreve (p. 185-186) que,

Aperfeiçoam as formas de governo, no desejo de prestigiar a Nação e garantir o bem-estar do povo....se dedicam a difundir a instrução e a educar as novas gerações...procuram aprimorar os conhecimentos e aperfeiçoar a raça.

A prática política de superioridade da denominada raça branca nesse momento histórico estava ligada à abordagem racial da população, que segundo Todorov (1993, p. 26) discute que “a brancura do rosto é uma prova de não barbárie. Eis uma idéia bárbara”, elemento presente a respeito dos grupos étnicos, pois todos que não são parecidos conosco, são chamados de bárbaros. Em outro momento o pensamento de Todorov (p.25) “Todos os homens são iguais, mas nem todos o sabem; alguns se crêem superiores aos outros, e é precisamente nisso que são inferiores; portanto nem todos os homens são iguais”.

Aroldo de Azevedo ao utilizar o critério para dividir *Os Grupos Humanos*, em específico *Os povos da África*, em seus livros didáticos teve como fator determinante a cor da pele, que é baseado na característica hereditária. Outro exemplo é a apresentação da figura (2) do livro de *Geografia Geral* de 1952, a obra de Aroldo discorre a respeito da população geral e dos povos africanos. Uma conceituação que não estava presente na obra anterior,



Invocar testemunhos passageiros, de que os homens são e foram iguais entre si, foi uma das desculpas utilizadas e ainda é por alguns intelectuais, dessa forma, dividia e repartia aos demais o peso da responsabilidade política, social que era publicada e reproduzida nos livros didáticos.

Em outra parte Aroldo escreve, “Nos dias atuais, é impossível encontrar raças realmente *puras*, isto é, sem nenhum cruzamento com outra, como também não parece razoável admitir-se que exista a *superioridade*¹⁶ de uma raça sobre outra”. Tal pensamento se contrapõe a Cavalli Sforza & Cavalli Sforza que para ele “a convicção de que uma raça seja biologicamente superior às outras....resulta da preocupação dos racistas com a “manutenção da pureza da raça” para que a superioridade não desapareça ou diminua”. Cavalli Sforza, Cavalli Sforza (2002, p. 317).

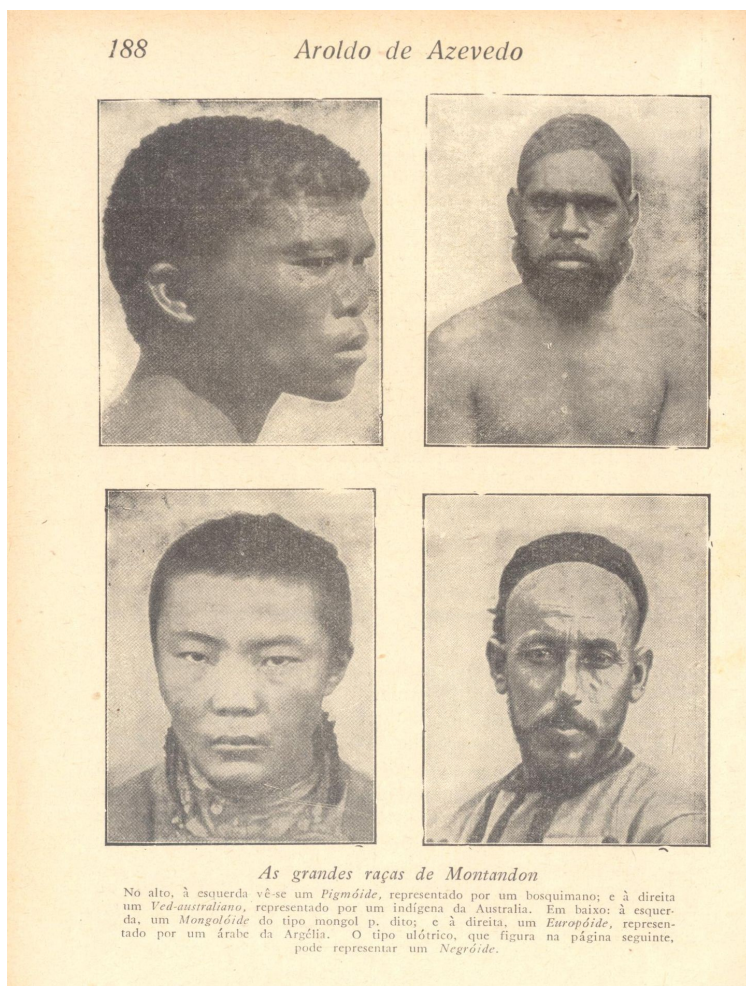
Por outro lado encontra-se em outra obra de Aroldo de Azevedo demais descrições a respeito da influência da população do Continente africano via presença dos livros didáticos no conjunto da população brasileira.

Percorrido esse breve caminho a respeito da história do pensamento geográfico e a respeito da população do continente africano “Raças e povos da Terra”, nos levará ainda a uma pergunta não respondida, a questão que foi introduzida no texto — O que os geógrafos sabem a respeito os povos e do continente africano? Porém, fica evidente que tratar tal tema, mesmo não sendo uma tarefa tão simples, é algo imperioso, urgente. Com certeza as respostas sofreram algumas variações, na densidade e na substância de conteúdo, dependendo para quem ou onde a pergunta seja proferida. É de considerar, no entanto, que o silêncio ou as lembranças e oratórias marcadas por redundâncias vão se

¹⁶ Os itálicos constam presentes na obra de Azevedo (1952, p.163).

tornar ponto comum na fala daqueles que se atreverem a tentar formular alguma resposta. As próprias obras guardam uma larga possibilidade de entendimento a partir do contexto no qual foram publicados, do momento historiográfico vivenciado, das diversas demandas e influências que se apresentaram na elaboração desse tipo de material e de ideologias e mentalidades circulantes.

Neste quadro, a sociedade aceitava e trabalhava as idéias propostas então pelo professor. A respeito da educação e suas diretrizes, acontece já em 1945 de acordo com o MEC no Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/45, “o Estado consolida a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, restringindo ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos, conforme definido no art. 5º”, o que de certa forma avaliza a distribuição do livro didático entre os alunos e escolas. Mesmo com a possibilidade de escolha a respeito dos livros didáticos, seus conteúdos, formas e modelos, o professorado manteve os trabalhos de Aroldo de Azevedo nas mãos dos alunos.



IV – Em guisa provisória

É claro que as contribuições vão além dos conceitos que serão discutidos, passando pelo entendimento das relações sistêmicas maiores. No entanto, construir instrumentos de pesquisa e reflexão mais apurados apresentam-se como tarefas obrigatórias.

Nesta perspectiva compreende-se que qualquer dimensão da história do pensamento geográfico, na Geografia como para qualquer outra ciência, não pode excluir uma análise das mudanças que se processam e acontecem na história do ensino de geografia. Tais mudanças interferem sobremaneira nas representações que o espaço adquire, correspondendo ao mesmo tempo ao universo simbólico e imaginário dos temas sociais. Sobre esse posicionamento buscamos tratar das fontes básicas em especial, o conjunto de obras de Aroldo de Azevedo, utilizamos a metodologia sugerida por Moraes (2004, p. 14), esse elucida que não se pode perder os mais importante discursos da/na produção do espaço brasileiro, assim “as mais eficazes ideologias geográficas não se apresentam sob a rotulação explícita de “geografia””, mas sim se circunscrevem de as análises de textos gerados no âmbito outras disciplinas.

Da mesma forma acreditamos que é preciso estar atento na periodização, classificação, seleção e quantificação das ideologias geográficas disfarçadas a serem investigadas no decorrer do livro didático, a medida que avançamos nas diferentes pesquisas. Procedimento importante a ser feito em toda publicação, com os respectivos autores, em ordem cronológica de edição, de acordo com a tipologia que servirá como referencial.

As ideologias geográficas nos livros didáticos de Aroldo de Azevedo quando trabalha com o conceito de raça difunde pensamentos, afirma uma diferença, organiza pensamentos e propõe práticas que precisam ser pensadas e (re)discutidas pelo ensino de geografia nos dias de hoje. Do mesmo modo percebe-se que o disfarce se mantém pelos conceitos mais cômodos. A pergunta central do texto, qual seria o posicionamento de Aroldo de Azevedo ao utilizar o conceito de raça como maneira para classificação de grupos humanos? O próprio Aroldo, escreve em determinado tópico de seu livro, *Raças e povos da Terra*, “Será possível classificar raças humanas?- Eis uma pergunta de difícil resposta. Desde o século XVIII, pelo menos tem-se tentado resolver esse problema, mas ainda não se chegou a um fim sobre seu posicionamento e reflexão a respeito do tema na Geografia como um todo, buscamos assim confrontar suas idéias com as teorias sobre o racismo e discursos anti-racistas fazendo um contraponto com a sociedade de hoje.

Pode-se dizer que as reformas educacionais não tiveram grande impacto no que no ensino da de geografia brasileira. O livro didático, serviu como difusor aos posicionamentos a respeito das idéias vinculadas as teorias de diferenciação entre os grupos humanos. Em si, esse texto é de leitura obrigatória para todos aqueles que se preocupam com a história dos conhecimentos geográficos, com o ensino da geografia, com a sociedade enquanto dimensão concreta dos fatos de poder e de dominação nela conferidos. Em guisa de conclusão é sabido que estudos geográficos sobre o debate de ensino não possuem, entre os geógrafos, uma grande importância como outros preferidos do momento. Apesar disso, é inegável que a geografia abriu-se generosamente para a pesquisa e a reflexão sobre os fatos dessa prática. É verdade que, em relação ao *Livro Didático*, não houve grandes especialistas, e é importante hoje que seja resgatada a contribuição dessas obras. Porém, nos dias de hoje (e mais do que nunca), é preciso ir além e dar conta, pois temos um amplo campo de pesquisas que se abre para a geografia no que tange aos problemas educacionais que não são tão contemporâneos.

Bibliografia

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia – ciência da sociedade: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1987.

AZEVEDO, Aroldo de. *Geografia Geral para a Primeira série Ginásial*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. *Geografia Geral*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1952.

_____. *A geografia em São Paulo e sua evolução*. In Boletim Paulista de Geografia. nº 16, São Paulo, AGB, 1954.

BRUNSCHWING, Henri. *A Partilha da África Negra*. [Trad. Joel J. da Silva], São Paulo: Perspectiva, 2004, (Coleção Khronos; 6 / dirigida por. J. Guinsburg).

CAPEL, Horacio. *Filosofia y ciencia en la geografia contemporánea*. Barcanova, 1983.

CONTI, José Bueno. *AROLDO DE AZEVEDO*. In. Boletim Paulista de Geografia. nº 50, São Paulo, AGB, 1976.

FERRAZ, Claudio Benito O. *O discurso geográfico: a obra de Delgado de Carvalho no*

contexto da geografia brasileira 1913 a 1942. Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, 1994.

- HOBBSBAWM, Eric. *A era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JACARD, Albert. *O elogio da diferença*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas*. São Paulo: Annablume, 1988.
- _____. “Território, região e formação colonial: apontamentos em torno da geografia histórica da independência brasileira” em *Ciência & Ambiente* 33, Santa Maria: UFSM, 2006.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PETRONE, Pasquale. Geografia Humana. In. *História das Ciências No Brasil*. Coordenadores, Ferri, Mario [et.all]. São Paulo: EPU, Ed. USP, 1979.
- ROMANELLI, Otaiza. *História da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SFORZA, Luca Cavalli; Cavalli SForza, Francesco. *Quem Somos? História da Diversidade Humana*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- SCHWARZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- TODOROV, Tzevetan. *Nós e os Outros. A Reflexão Francesa Sobre a Diversidade Humana*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1993.
- ZUSMAN, Perla, PEREIRA, Sergio Nunes. *Entre a Ciência e a Política: Um olhar sobre a Geografia de Delgado de Carvalho*. Revista Terra Brasilis nº 1 Jan/Jun. São Paulo, 2000.